

## JURUPARI\*

WALDO MOTTA

Em sendo chegado o tempo  
de um novo evangelho  
e novas revelações  
de combate ao mal da terra  
e renovação do mundo

Jurupari vem do céu  
sem trombetas e sem pompa  
para restaurar a terra  
e anular-lhe todo o mal  
para ensinar outra vez  
os preceitos rituais  
as regras da convivência  
e as normas de conduta  
– a justiça e as leis  
das regiões siderais  
a arte de bem viver  
a fórmula da justiça  
da alegria e da paz.

Jurupari contristado  
viu que o povo sofria  
falta de conhecimento  
vivendo como animais.

Cheio de aporrinhão  
farto de ouvir uis e ais  
Jurupari meditou  
sobre o seu nome e destino:

\* “Jurupari” é um dos poemas do recém-concluído e inédito livro *Terra sem Mal*.

boca silente, reticente  
que jamais tuge nem muge  
que nunca diz chus nem bus  
que não diz uste nem aste  
cúmplice do mal do mundo.  
Isto não quero ser mais.

Jurupari se enfurece  
e rasga sem dó nem pena  
a plumagem de metáforas  
da linguagem angelical  
escangalha o figurino  
transgride os protocolos  
e códigos celestinos  
espezinha os floreios  
da retórica divina.

Jurupari se revolta  
e revoga seus decretos.  
Resolve abrir o bico  
arreganha a matraca  
põe a boca no trombone.

Jurupari vira o jogo:  
torna-se o linguarudo  
desbocado  
boquejante  
boquirroto  
boquinegro.

Tem puçanga na língua  
o uirari das palavras  
a mandraca da poesia  
o feitiço da verdade

que embevece os justos  
e arrebanha os humildes  
e enlouquece os ouvintes  
e amedronta os boçais.

Jurupari filosofa:  
– Esta vida é um buraco  
do buraco todos vêm

ao buraco todos vão.  
E não escapa ninguém.  
Buraco que come  
buraco que caga  
buraco que vê  
buraco que ouve  
buraco que fala  
buraco que pensa

buraco que anda  
buraco que sente  
buraco que ama  
buraco que sofre  
buraco que chora  
buraco que sonha...

Tome lengalenga  
tome blabláblá  
tome nhenhém.

Jurupari desembucha,  
escancara a bocarra,  
solta a língua, rasga o verbo,  
revela, desvela, esparra.

Clama e proclama  
o seu evangelho  
conta os segredos  
desvenda os mistérios

– desencanta o mal.

Jurupari jurupi  
Jurupari jurubi

Jurupari juraci  
Jurupari jurucen

jurupuxi juruguera  
jurubanga juruboca

Boca interditada  
por leis e editais

boca lacrada  
por lacres morais  
boca selada  
por falar demais  
boca atarraxada  
por conveniências  
já não serei mais.

Sendo mister acabar  
com a farsa milenar  
derrotar a esfinge  
matar a charada  
decifrar o enigma  
decantar o mistério  
contar o segredo  
quebrar o encanto  
vencer o dragão  
enganar o diabo  
desafiar os deuses  
dizer o indizível  
com todas as letras,

o alcagüete dedura  
a bocaina de Yanderu  
o tohu e o bohu  
o ninho do surucucu  
a caverna de Platão  
o buraco do tatu

o vazio dos místicos  
o vácuo dos cientistas  
o abismo teológico  
o nada dos paspalhões  
o ocão insofismável

a coisa intangível  
a coisa imponderável  
a coisa incognoscível  
a coisa inefável  
a coisa inominável  
a coisa abominável

a coisa numinosa  
a coisa secreta  
a coisa misteriosa  
a coisa terrível  
a coisa maldita  
a coisa vergonhosa

a coisa de Kant e Heidegger  
a coisa de Freud e Lacan  
a coisa em si

Jurupari desembesta  
a falar a coisa a loisa  
o treco o trem  
o troço a joça  
e berra  
e ruge  
e estruge  
o cujo

o nome feio  
o nome sujo  
a palavrinha  
o palavrão

### Uma palavra sobre o poema

Jurupari é simplesmente o Messias indígena, mas os jesuítas o associaram ao demônio, rival de Jesus Cristo. Os mitos de ambos possuem muitas coisas em comum. Jurupari significa boca fechada, tapada, mascarada. Que boca seria essa? Vêm à tona questões relativas ao inefável, impronunciável e ao interdito, obsceno. Sagrado é sinônimo de obsceno.

Somente aos varões é permitido conhecer os mistérios de Jurupari.

A justiça é um apanágio desses dois Messias, que parecem ser a mesma divindade encarnada, um e outro nascem de uma virgem, instituem cultos masculinos e outras simetrias e convergências espantosas.

Sem exclusão de outras leituras, todos os deuses são alegorias, e prosopopéias suas falas, às vezes. Assim como a caverna platônica é uma alegoria filosófica (li isso algures), Jurupari é uma alegoria do buraco negro do corpo, a boca que fala em silêncio. Como seria de esperar, é quem faz e traz justiça, alegria e paz entre os homens, e entre os homens e mulheres.

No poema “Jurupari” apresento minhas implicâncias filosóficas, científicas e religiosas: o vazio, o nada, a origem, e também o inefável, o impronunciável,

poderiam ser sinônimos do nefando, isto é, do sagrado, como algo isolado, segregado, intocável, interdito, e que, por conveniência, deve ser mantido em segredo, não se deve dizer.

Acalento a ideia de discutir o “Vazio central” de Lao Tse, o “BeYTh” inicial no “BeREShYTh” dos judeus, o mundo dos “arquétipos” e a “caverna de Platão”, os “campos morfogenéticos” de Rupert Sheldrake e a “Ordem implícita” de David Bohm, o “buraco negro” e o “vácuo” dos cientistas, a partir da filosofia guarani.

WM